



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS/IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS/TEL

FRANCISCO CARLOS LIMA MARTINS

**ECOS DE UM BRASIL DESIGUAL – LEITURAS DO CONTO “MARIANA” E
“BECOS DA MEMÓRIA” ENTRE O SÉCULO XIX E A CONTEMPORANEIDADE:
Machado de Assis e Conceição Evaristo na Construção da Memória Histórica da Exclusão
Racial**

Brasília - DF

2025

FRANCISCO CARLOS LIMA MARTINS

**ECOS DE UM BRASIL DESIGUAL – LEITURAS DO CONTO “MARIANA” E
“BECOS DA MEMÓRIA” ENTRE O SÉCULO XIX E A CONTEMPORANEIDADE:
Machado de Assis e Conceição Evaristo na Construção da Memória Histórica da Exclusão
Racial**

Monografia em Literatura apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Professor Orientador: Dr. Deane Maria
Fonseca de Castro e Costa

Brasília – DF

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA - ELEMENTO OBRIGATÓRIO NA UNB PARA
TCC, TESES E DISSERTAÇÕES**

GERADOR AUTOMÁTICO DE FICHA CATALOGRÁFICA

MONOGRAFIA: https://extensao.bce.unb.br/ficha_mono

TESES E DISSERTAÇÕES: <https://extensao.bce.unb.br/ficha>

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

```
?U47t      Último/sobrenome, Prenome seguido demais nomes
           Título: subtítulo / Prenome seguido demais nomes
           Último/sobrenome; orientador Prenome Último/sobrenome; co
           orientador Prenome Último/sobrenome. -- Brasília, Ano.
           xx p.

           Monografia (Graduação - Curso) -- Universidade de
           Brasília, Ano.

           1. Assunto principal. 2. Assunto específico. 3. Assunto
           específico. 4. Assunto específico. 5. Assunto específico. I.
           Último/sobrenome, Prenome, orient. II. Último/sobrenome,
           Prenome, co-orient. III. Título.
```

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois acredito que sem Ele eu provavelmente não teria suportado todo o decorrer do curso e sua rotina extenuante, intensa e, ao mesmo tempo, solitária.

Também não poderia deixar de agradecer aos meus avós, Dona Elvina e Seu Martins, que, além de me criarem desde bebê e me proporcionarem uma excelente educação, estiveram completamente ao meu lado em toda essa trajetória de vida. Mesmo morando em outro estado, sempre me ofereceram suporte emocional, financeiro e, o mais importante, o apoio e a crença de que eu conseguiria alcançar meus objetivos acadêmicos. Amo vocês.

Além dos meus dois principais alicerces citados acima, gostaria de destacar, especificamente, outras 7 pessoas. Primeiramente, minha tia-avó Iolanda, que, na ausência dos meus avós, se comprometeu a me ouvir em dias mais obscuros e sempre me ofereceu palavras de carinho, conforto e afeto. Sua energia maternal foi essencial para que eu me reerguesse em muitos momentos difíceis.

À minha irmã pequena, Sofia, que, com um abraço, brincadeiras e um sorriso, me fez momentaneamente esquecer os problemas diários, tornando minha vida mais leve. E, claro, à minha irmã Emylady, que, mesmo com seus próprios desafios cotidianos, muitas vezes se colocou nesse lugar de escuta. Juntos, planejávamos nossos futuros com a esperança de que dias melhores viriam, demorasse o tempo que fosse preciso.

À Dona Conceição, que, desde o primeiro dia em que embarquei nesse sonho de viajar para outro estado, deixando tudo para trás, acreditou em mim e me defendeu das críticas de muitos. Até hoje, quando a encontro em sua quitanda de frutas, ela torce incondicionalmente por mim.

À Tia Fia, que me acolheu em sua casa quando mais precisei e, justamente quando eu mais duvidei da capacidade humana de ser caridoso, me provou o contrário.

E, por fim, mas não menos importante, gostaria de encerrar agradecendo a duas pessoas muito especiais: minha madrinha Tia Jane e meu padrinho Tio Jackson. Embora hoje não estejam tão presentes em minha vida, não posso fechar os olhos e esquecer de quando mais precisei de apoio moral em várias etapas do meu caminho. Se hoje sou alguém que luta para ser justo todos os dias, foi com base nesses dois espelhos humanos que aprendi a encarar a vida desde pequeno.

RESUMO

Este trabalho analisa comparativamente o conto *Mariana*, de Machado de Assis, e o romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, a fim de compreender como ambas as obras representam a exclusão racial no Brasil do século XIX à contemporaneidade. Em Machado, a crítica social se expressa pela sutileza irônica, revelando a violência simbólica e afetiva que marca a vida da mulher negra escravizada, confinada a um lugar de dependência e subalternidade. Já Evaristo denuncia, por meio da ““escrevivência””, os efeitos da marginalização pós-abolição, apresentando a favela como espaço de memória, dor e resistência. A análise evidencia que, apesar da distância temporal entre os textos, ambas as narrativas revelam permanências estruturais do racismo, mostrando que a desigualdade apenas se transforma, mas não desaparece. Assim, as obras funcionam como testemunhos literários que recuperam e denunciam experiências históricas silenciadas.

Palavras-chave: Desigualdade racial. Escravidão. Memória. Literatura brasileira.

ABSTRACT

This study offers a comparative analysis of the short story “Mariana”, by Machado de Assis, and the novel *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo, aiming to understand how both works represent racial exclusion in Brazil from the nineteenth century to the present. In Machado’s text, social criticism emerges through subtle irony, revealing the symbolic and emotional violence that shapes the life of the enslaved Black woman, confined to a position of dependence and subalternity. Evaristo, in turn, denounces the effects of post-abolition marginalization through ““escrevivência””, portraying the favela as a space of memory, pain, and resistance. The analysis shows that, despite the temporal distance between the works, both narratives expose the structural permanence of racism, demonstrating that inequality transforms itself but does not disappear. Thus, these texts function as literary testimonies that recover and denounce historically silenced experiences.

Keywords: Racial inequality. Slavery. Memory. Brazilian literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O AMBIENTE, MEMÓRIA E A DRAMATICIDADE EM <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	9
3 A CONTEMPORANEIDADE DA DESIGUALDADE RACIAL EM <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	12
4 A LINGUAGEM MACHADIANA E A SUTILEZA DA CRÍTICA SOCIAL EM <i>MARIANA</i>	16
5 ENTRE SÉCULOS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE <i>MARIANA</i> E <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade racial é um dos grandes pilares estruturais da sociedade brasileira, marcada por um passado escravocrata cujas raízes estão presentes até hoje, manifestando-se tanto nas relações sociais quanto nas representações literárias. A literatura, como um ambiente de elaboração crítica e de memória coletiva, revela essas tensões ao transformar a experiência social em narrativa. Desse modo, obras de diferentes períodos históricos podem dialogar entre si ao retratar a permanência das marcas da escravidão, permitindo compreender como o Brasil lida (ou não) com seu passado.

É nesse contexto que o conto *Mariana*, de Machado de Assis, publicado em 1871, e o romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, publicado em 2006, inserem-se como objeto de análise do presente estudo. Embora separados por mais de um século, ambos os textos abordam a vida de personagens negras submetidas à violência estrutural, emocional e simbólica. Enquanto Machado revela, através da ironia e da linguagem sutil, as engrenagens íntimas da ideologia escravocrata, Evaristo utiliza a “escrevivência” para denunciar os efeitos prolongados da exclusão racial na contemporaneidade, representada pela favela ou pela chamada “senzala moderna”.

Dessa forma, este trabalho busca responder **como o conto *Mariana*, de Machado de Assis, e o romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, constroem, através de suas narrativas, a memória histórica da exclusão racial no Brasil, revelando ecos e permanências da desigualdade entre o século XIX e a contemporaneidade.**

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de compreender como a literatura registra e denuncia as formas de opressão sofridas pela população negra ao longo da história brasileira. Ao aproximar uma obra machadiana do século XIX e uma narrativa contemporânea de Conceição Evaristo, torna-se possível observar como a violência racial se ressignifica, mas não desaparece, revelando um país que permanece estruturado por desigualdades profundas.

O objetivo geral deste estudo é analisar comparativamente as duas obras, observando de que maneira ambas retratam a exclusão racial. Os objetivos específicos incluem: identificar elementos da crítica social machadiana em *Mariana*; examinar a representação da memória, do

ambiente e da “escrevivência” em *Becos da Memória*; e estabelecer diálogos entre os textos, evidenciando continuidades históricas entre escravidão e marginalização contemporânea.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, baseada na leitura crítica das obras e no diálogo com estudiosos como Oliveira (2009), Chalhoub (apud Vieira, 2019), Fernandes (apud Maringoni, 2011), Farias (2019), Gonçalves (2024), entre outros, além da análise comparativa entre os textos selecionados.

Este trabalho está organizado em quatro seções: na primeira, analisa-se o ambiente, a memória e a dramaticidade em *Becos da Memória*; na segunda, discute-se a contemporaneidade da desigualdade racial presente na obra de Conceição Evaristo; na terceira, examina-se o tratamento estético da crítica social do conto *Mariana*; e, na quarta seção, analisam-se os diálogos possíveis entre as duas obras ao longo dos séculos. Por fim, nas considerações finais, busca-se consolidar a ideia de que a literatura – seja pela sutileza irônica de Machado, seja pela poética de Evaristo – funciona como um espelho temporal da desigualdade racial brasileira.

2 O AMBIENTE, A MEMÓRIA E A DRAMATICIDADE EM *BECOS DA MEMÓRIA*

A obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, é uma narrativa memorialista que documenta o processo de remoção de uma favela e o conseqüente apagamento de suas subjetividades. Sob a ótica da jovem Maria-Nova, a obra materializa o conceito de “escrevivência”, transformando a dor coletiva e a ancestralidade negra em resistência literária. Mais do que um registro sobre o desfavelamento, o romance atua como uma biografia da exclusão, preservando a dignidade e a voz de uma comunidade diante da marginalização urbana e do racismo estrutural.

De acordo com Oliveira (2009), o ambiente na obra é composto por “excluídos sociais”, ou, em outras palavras, por favelados, moradores de rua, mendigos, desempregados e prostitutas, que contrastam com o “outro lado” da sociedade, ou seja, os empresários, senhoras de posses, policiais e funcionários do governo. Em prol de exaltar as vivências dos personagens neste ambiente de comunidade, é utilizado muitas vezes o recurso da dramaticidade, sobre o qual o autor discute, nas seguintes palavras:

Becos da memória é marcado por uma intensa dramaticidade, o que desvela o intuito de transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades. Barracos e calçadas, bordéis e delegacias compõem o cenário urbano com que se defrontam os excluídos de todos os matizes e gradações, o que insinua ao leitor qual a cor da pobreza brasileira. (Oliveira, 2009, s.p)

Essa dramaticidade, além de cumprir o caráter de denúncia, também aponta o racismo estrutural existente no Brasil marginalizado despercebido, onde há presença de violência, fome e dor para aqueles que não pertencem à elite branca e rica do país. Ao descrever o cenário em que os personagens habitam e suas sensações, é possível observar, do ponto de vista dos mesmos, a realidade de uma forma mais profunda. Isso é notado no fragmento abaixo, onde a protagonista central, Maria-Nova, uma menina negra, faz a descrição dos barracões e das torneiras disponíveis na favela, que não lavavam apenas sua roupa e a de sua família, mas, sim, majoritariamente, a das patroas:

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando. (Evaristo, 2017, p. 14)

Em uma tentativa de inverter os papéis e dar voz ao excluído e marginalizado, MariaNova, já adulta, decide escrever sobre sua família, vizinhos e amigos como forma de eternizá-los em sua memória. Além da notável presença da escrevivência ao longo de toda a prosa, é possível observar a riqueza de detalhes na construção dos personagens e dos cenários:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alviradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Marinha, à Donana do Padin. (Evaristo, 2017, p. 14).

Ao analisar o trecho destacado, e tendo em vista que Maria-Nova escreve pelo que Oliveira (2009) chama de “fragmentos”, em vez de capítulos, e que a escrevivência consegue

resgatar a vivência de mulheres negras, a personagem Maria-Nova parece ocupar, conforme aponta o autor, uma relação autobiográfica com a própria Conceição Evaristo.

Esta relação entre Evaristo e Maria-Nova sugere que as memórias na obra não são algo individual e dependente apenas da personagem, pois ela atua como uma autêntica colecionadora de histórias. Logo, o coletivo (a comunidade) protagoniza as próprias histórias, com suas origens e desenvolvimentos específicos, que muitas vezes exaltam suas raízes afrodescendentes. O que une Evaristo e Maria-Nova, segundo Oliveira (2009), é o fato de serem mulheres negras criadas no contexto da favela, mas também a tentativa de expressão e resistência por meio da escrevivência.

A resistência expressa pela escrevivência ocorre, primeiramente, pelos desejos e sonhos que os personagens ainda possuem de conseguir imaginar uma vida melhor, e em pequenos gestos de carinho e senso de comunidade, como expresso no trecho: “Bondade fazia jus ao apelido. Não tinha pouso certo. Morava em lugar algum, a não ser no coração de todos.” (Evaristo, 2017, p. 16).

Outro ponto que demonstra essa luta pela resistência é a exaltação da cultura negra e a lembrança e orgulho da linguagem de seus ancestrais, mesmo em um passado de repressão e dor. Isso é evidente no fragmento a seguir, em que o avô de Maria-Velha, esposa de Tio-Totó, sempre chorava ao ver a menina pequena, pois ela o lembrava fisicamente de Ayaba, sua filha “desaparecida” – foi vendida pelos sinhôs, em um período em que a escravidão já havia sido abolida. Aqui, o nome “Ayaba” e seu significado de “Rainha” são expressos claramente como uma exaltação da origem africana, demonstrando orgulho da negritude em um contexto de opressão, o que retoma o ponto do resgate da memória e da ancestralidade:

 Maria era igual, era a imagem pura de sua filha Ayaba. Filha para quem ele escolhera um nome bonito. Os sinhôs naquele dia estavam de bom humor ou de bom coração talvez e permitiram que ele, o pai, escolhesse o nome. Filha que ele pôde chamar de Ayaba que na linguagem dele e de seu povo significava Rainha. Maria era igual a Ayaba, Maria parecia com a Rainha. (Evaristo, 2017, p. 19)

De forma semelhante, observa-se a mesma exaltação no trecho em que Maria-Nova, descreve Negro-Alírio, um recém-chegado no morro que se hospeda na casa da menina em uma noite chuvosa. Na visão de Maria-Nova, Negro-Alírio é um homem considerado bonito, conforme a mesma descreve:

Negro-Alírio chegou numa madrugada chuvosa. Estava molhado até os ossos. Era muito bonito, tinha as características negras bem marcantes. Maria-Nova gostou de Negro Alírio. Ela era uma menina, mas alguma coisa de mulher já bulia dentro de si. O que ela mais gostou em Negro Alírio foi da boca. Ela ficou pensando em seus lábios carnudos. (Evaristo, 2017, p. 20)

E, claro, talvez a resistência mais explorada ao longo da trama se destaque no desejo de Maria-Nova em colecionar histórias da população do morro com o objetivo de recontá-las um dia. Ela expressa seu caráter sonhador e revolucionário mesmo sob uma vida que a oprime cada dia mais, vendo na escrita essa “ressuscitação” de memórias. Conforme reforça Oliveira:

Maria-Nova, presente em *Becos da memória*, aos nossos olhos, compõe-se, mais do que todas as personagens, de rastros do sujeito autoral: menina, negra, habitante durante a infância de uma favela e que vê na escrita uma forma de expressão e resistência à sorte de seu existir. (Oliveira, 2009, n.p)

Em suma, a trajetória de Maria-Nova concretiza-se como um ato de insurgência, no qual o registro escrito atua como um mecanismo de “ressuscitação” das memórias e de preservação da identidade frente à opressão. Ao transpor os limites de uma realidade socialmente marginalizada, a personagem converte a vivência cotidiana em potência narrativa. Assim, a escrita se revela não apenas como um exercício estético, mas como uma ferramenta de resistência política e de ressignificação da própria existência no cenário brasileiro contemporâneo.

3 A CONTEMPORANEIDADE DA DESIGUALDADE RACIAL EM *BECOS DA MEMÓRIA*

Embora sem marcação de um ano preciso, a obra *Becos da Memória* se passa na pós-abolição da escravidão no Brasil, durante o período do século XX, ou seja, décadas depois que a Lei Áurea foi proclamada. Mesmo com a extinção da escravidão de forma jurídica, os negros libertos através da lei não foram inseridos na sociedade brasileira de forma igualitária. De acordo com o sociólogo Florestan Fernandes (apud Maringoni, 2011), em seu livro denominado *A integração do negro na sociedade de classes*:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores

foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel (Fernandes, apud Maringoni, 2011).

A afirmação do autor expõe como o indivíduo negro, embora livre, continuara oprimido devido à falta de auxílio do estado, igreja ou qualquer outra instituição que pudesse contribuir para sua inserção no mundo do trabalho de forma digna, como acontecia com o cidadão branco. Uma das consequências diretas que essa falta de oportunidades gerou, foi o fenômeno que, mais tarde, seria conhecido como “favelização”, ou seja, o crescimento de ocupações irregulares ou ilegais nas cidades. É nesse ambiente que a obra se passa, inspirado em uma favela real denominada “Pindura de saia”, localizada em Belo Horizonte. Foi nessa favela que a autora Conceição Evaristo viveu parte da infância e, ao compor a obra, se inspirou para construir um grande leque de diferentes realidades, as quais, analisadas de uma perspectiva ampla, seriam a representação do conceito que pode-se nomear como “senzala moderna”, onde sobreviver e resistir são os dois verbos que definem o cotidiano comum das pessoas que habitam este espaço repleto de desigualdade social. “Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (Evaristo, 2017, p. 14)

Essa desigualdade social, com raízes pautadas no racismo estrutural originado desde o Brasil escravocrata, é exposta por Evaristo através da denúncia de como o país, desde 13 de maio de 1888, não libertou efetivamente a população negra. De forma atemporal, essa condição continua sendo uma das principais causadoras de opressão, somada à alta taxa de violência e mortalidade no país.

Em *Becos da Memória*, a invasão da favela pelos tratores do governo atua como uma espécie de representação de como o negro é enxergado pela elite racista e seus engravatados. Para essas pessoas, os marginalizados configuram um problema que precisa ser removido e destruído, silenciado se preciso, a baixos custos, a fim de dar lugar a uma nova construção voltada para a burguesia, desconsiderando a vida humana prévia ali existente. Essas pessoas são representadas na obra de Evaristo por meio de personagens como Bondade, um sem-teto que vivia de casa em casa, mas era querido por todos; por Cidinha-Cidoca, a meretriz da favela; ou até mesmo por Tio-Totó, um senhor idoso que viveu a face mais cruel do racismo e da

exploração, tanto em sua trajetória de vida, quanto em sua origem – pois seus pais eram escravos –, e quando pensa ter finalmente encontrado descanso, percebe que novamente ficaria desabrigado. Nas palavras da narradora personagem, Maria-Nova:

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio. (Evaristo, 2017, p. 14)

Bondade, Tio-Totó, e Cidinha-Cidoca, além dos demais habitantes da favela – figuras comuns que habitam o dia a dia de qualquer local marginalizado –, atuam como representações vivas de como o racismo estrutural e a violência atuam nestes locais, que, conforme afirma Eduardo de Assis Duarte, “descarta a violência gratuita que marca muitas vezes a representação dos excluídos em nossas letras” (apud Oliveira, 2013), pois a favela de *Becos da Memória* ainda não havia conhecido a violência do tráfico.

Essa mesma violência carrega traços que se estendem através de uma linha cronológica, que caminha desde o período colonial brasileiro até a sociedade moderna, o que aponta que o racismo atua de forma hereditária, tanto para quem o recebe – que o internaliza sem perceber –, quanto para quem o pratica – que reproduz o que ouviu ou viu alguém fazer.

Margarete Aparecida de Oliveira, em sua resenha denominada *Entre becos e memórias, Conceição Evaristo e o poder da ficção*, aponta, ainda, que a realidade do livro dialoga com a contemporaneidade dos habitantes de periferia do país, pois, nas suas palavras:

Ao colocar em primeiro plano o sentimento do favelado que perde seu espaço, a narrativa de Conceição Evaristo se projeta nos dias de hoje como reflexão sobre a presença do negro na construção do país e da própria formação da identidade brasileira. O romance dramatiza a atualidade da diáspora negra, sobretudo interna, trazendo para a trama a memória como exercício de resgate histórico, chamando nossa atenção para antigos e novos problemas, velhos e atuais clamores, tudo isto num ritmo envolvente que só o talento para ficção consegue construir (...) (Oliveira, 2013, s.p).

Outro diálogo com a sociedade atual pautada no racismo estrutural ligado à pobreza, manifesta-se no que Farias (2019) afere sobre o “desfavelamento”. Segundo o autor, à medida que o desfavelamento acontece, vê-se cada vez mais intensificado o sentimento de que a vida do favelado tem valor inferior. Esse aspecto é perceptível em outro fragmento do livro, no qual

garotos denominados “homens-vadios-meninos” utilizam, para a diversão própria, as máquinas deixadas pelo governo nos barracos já abandonados e destruídos. Essa situação ocasiona uma tragédia, pois, após uma bebedeira, acabam utilizando as máquinas para “o prazer que não tiveram na infância”, (Evaristo, 2017, p. 74 apud Farias, 2019, p. 4), o que leva a morte de todos, menos de Brandino, que fica paralítico e passa a ser utilizado pela família como ganha pão em troca de esmolas.

Farias (2019) ainda afirma que “os infortúnios narrados marcam a fragilidade daqueles que moram na favela diante da grandiosidade da empresa que deles toma o espaço” (Farias, 2019, n.p), o que aponta o descaso do próprio estado diante da situação, pois nada foi feito para deixar o local mais seguro para os moradores. Quando Negro Alírio tenta intervir com um “motim” que exigia a retirada desses tratores da comunidade, a resposta da instituição governamental foi registrada no seguinte trecho: “(...) novos tratores chegaram. Chegaram bravios, recomeçando o trabalho. Só se ouvia barulho e sentia poeira. O desfavelamento recomeçava” (Evaristo, 2017, p. 81 apud Farias, 2019, p. 5)

Assim, ao analisar-se a visão de Farias aliada aos excertos do livro de Evaristo, é possível perceber de forma mais clara e explícita os descasos das instituições governamentais e da própria sociedade para com o negro pobre e favelado. Essa situação sugere que a criminalidade é um dos muitos fatores que se manifesta em razão do instinto de sobrevivência dos indivíduos mazeados socialmente, sendo ela uma reprodução inconsciente da violência que o próprio sujeito sofre pela sociedade. Nessa perspectiva, se para a elite tradicional o favelado é um vadio e para o governo um número, o desejo de sair dessa vida a qualquer custo é uma tentação que fala mais alto, e é um traço ainda muito presente na atual civilização, onde estes ideais, embora mais difundidos e criticados globalmente, ainda são constantes em muitas áreas do Brasil.

Um exemplo de que a elite age apenas quando lhe convém, ou quando teme que a criminalidade dos membros da comunidade chegue até eles, está pautado em outra passagem da obra. No contexto da cena, está ocorrendo a festa junina anual patrocinada por cabo Armindo, que morava em uma área privilegiada da favela, em um grande terreno. Todos os anos ele patrocinava a festa, onde serviam diferentes tipos de comidas. Porém todos, inconscientemente, desconfiavam que, na verdade, eram os vizinhos ricos que bancavam a festa. Conforme descrito:

(...) Diziam alguns que ele apenas organizava a festa e cedia o local, mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês. Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança. (Evaristo, 2017, p. 22)

Destarte, é inegável observar que a pobreza, violência e falta de acessibilidade tem raízes muito profundas ligadas ao racismo estrutural brasileiro, algo que a obra trabalha por meio de “fragmentos”, os quais é preciso costurar para compreender, e que, quando formam a malha completa, expõe a realidade de várias décadas de descaso do estado após a assinatura da Lei Áurea. Por essa razão, muitas pessoas negras viveram em zonas de invasão como as favelas, sendo meramente números para a instituição governamental e para a elite, um problema a ser evitado, expondo, assim, a complexidade que é a desigualdade racial no Brasil

4 A LINGUAGEM MACHADIANA E A SUTILEZA DA CRÍTICA SOCIAL EM *MARIANA*

Lançado inicialmente em 1871, no *Jornal das Famílias*, em um contexto de crise devido às discussões em relação a Lei do Ventre Livre, promulgada em setembro daquele ano, *Mariana* é um conto que, à primeira vista, aborda como temática principal a paixão da escrava Mariana por Coutinho, filho de seus senhores, e que, aparentemente, não suportando o casamento de seu amo com uma mulher branca e da mesma classe social de Coutinho, decide suicidar-se. Adiante abordaremos os sentidos profundos desse gesto da protagonista.

Ao analisar o autor do conto, Machado de Assis, sob um aspecto mais profundo, tem-se um homem negro, neto de avós escravizados, com origens humildes, e habitante de um país dominado por uma elite escravocrata. É conhecido por compor uma crítica mais pautada na ironia e na subversão, que analisaria a sociedade racista e patriarcal de maneira focada na impessoalidade. No entanto, na composição das obras de Machado de Assis, e esse conto não foge desse fato, a impessoalidade é, também esta, apenas aparente. Ainda assim, Gonçalves (2024), aponta que Assis é um escritor muitas vezes acusado de branqueamento, aburguesamento e, até

mesmo, omissão política diante de causas sociais, como a própria escravidão, pilar de muitos de seus contos e obras. Esse aspecto é criticado por alguns pesquisadores, sendo um ponto de debate entre os críticos da literatura machadiana. Porém, Machado aborda essas questões complexas e sociais de forma consistente e aguda em suas obras, não enfrentando o problema diretamente, ou seja, de forma panfletária. O fazer estético de Machado de Assis aponta para a agudeza da crítica de uma ordem social violenta e oposta, teoricamente, a qualquer processo de modernização que se possa conceber como tal. Através da ironia, da sátira e demais recursos, da forma literária, aparece não a condição de uma personagem, mas toda a contradição entre um discurso liberal vigente na época e seu contrário – a escravidão. A literatura machadiana dá a ver uma situação nacional original, por assim dizer, em que os contrários convivem, gerando um mundo local esdrúxulo em relação ao que parecia ser a proposta do progresso, gerada no resto do mundo pela visão iluminista e suas revoluções burguesas.

Na visão de Silva e Cardoso:

Machado de Assis foi um ácido crítico. As descrições de uma sociedade que procurava sua modernização em meio à intensa constância de vestígios coloniais podem ser encontradas em personagens assinalados pela pretensiosidade, pelo mau caratismo, e pelo egoísmo. (Silva; Cardoso, 2016, p. 16 apud Gonçalves, 2024, p. 21)

Esse mau-caratismo e egoísmo, citado no trecho, é presente no conto *Mariana*, sendo representado pelas figuras dos narradores personagens Coutinho e Macedo. Macedo, um homem de meia-idade que acabara de chegar no Rio de Janeiro após passar 15 anos na Europa, pontua que a cidade mudou bastante no sentido arquitetônico, sendo algo muito prazeroso de se ver, por ser um viajante. Porém, ao compor uma descrição completa da cidade além do aspecto estético, o mesmo afere que “não há decepções possíveis para um viajante, que apenas vê de passagem o lado belo da natureza humana e não ganha tempo de conhecer-lhe o lado feio”. (Assis, 1871, n.p)

Esse desinteresse pelos problemas que aquela sociedade tinha – o lado feio da vida – é uma constante não apenas de Macedo, mas de seu amigo Coutinho. Após se reencontrarem por acaso, ambos decidem se reunir no hotel onde Macedo está hospedado com mais outros dois amigos. Nesse contexto, começam a discorrer sobre o rumo de suas vidas durante os últimos 15 anos. Através da visão de Coutinho – que afirma “Antes e depois amei e fui amado muitas vezes; mas nem depois nem antes, e por nenhuma mulher fui amado jamais como fui...” –,

Mariana, a jovem mulata escravizada, é inserida na roda de conversa dos amigos como uma confissão de Coutinho, sendo descrita pelo personagem de tal modo:

Chamava-se Mariana, continuou ele alguns minutos depois, e era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas. Não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais era como se fosse pessoa livre, e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal. Mariana possuía a inteligência da sua situação, e não abusava dos cuidados com que era tratada. Compreendia bem que na situação em que se achava só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade de sua senhora (Assis, 1871, n.p).

Esta descrição inicial que introduz Mariana como uma “quase senhora” é o retrato do que conhecemos como a escrava-agregada, sendo um aspecto da visão ideológica paternalista dos senhores, sobre a qual Sidney Chalhoub (apud Vieira) aponta o seguinte:

Sidney Chalhoub (2003, p. 97) afirma que “a ideologia paternalista dos senhores e as relações de dependência provocam situações de violência e humilhação” e despertam em dependentes como Mariana a certeza de que “não há perspectivas e que serão sempre lembrados de sua situação de inferioridade social”, uma vez que o enredo do conto leva “à imbricação entre escravidão e “liberdade” em situação de dependência, mostrando que havia uma e somente uma lógica hegemônica de reprodução das hierarquias e desigualdades sociais” (Chalhoub, 2003, p. 97 apud Vieira, 2019, p. 5657).

Este conceito confirma que Mariana está no limbo criado propositalmente para aprisioná-la: ela não está dentro da senzala, onde seria violentada e abusada de forma agressiva e direta, mas também não é uma “senhorinha branca”, e, por isso, não pode se sentar com a família nos almoços e reuniões. De acordo com Vieira, “é possível afirmar que a ideia de aproximar o escravo da liberdade não se fazia presente numa sociedade predominantemente patriarcal e escravocrata” (Vieira, 2019, p. 57).

Ademais, Mariana é uma personagem sexualizada de forma constante no decorrer do conto, onde seu corpo é visado e objetificado pelos homens brancos da família de Coutinho, o que não condiz com a posição de alguém considerada realmente da família, aspecto relevado na fala do tio de Coutinho, João Luís, que diz: “Por que diabo está tua mãe guardando aqui em casa esta flor peregrina? A rapariga precisa de tomar ar”. E, mesmo tentando ocultar e tratar do amor da escravizada como um sentimento unilateral, ao descrever seus aspectos físicos é

revelado o que Mahl (2010) chama de “projeto romântico” de Coutinho, o qual entrega suas primeiras pistas logo no início do conto, como no trecho abaixo:

Mariana aos 18 anos era o tipo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o fogo através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados. Tinha os cabelos naturalmente encaracolados e curtos. Talhe esbelto e elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora. É impossível que eu esteja a idealizar esta criatura que no entanto me desapareceu dos olhos; mas não estarei muito longe da verdade. (Assis, 1871, n.p)

Essa idealização de Coutinho para com Mariana continua no decorrer do conto. Mais tarde, quando Coutinho fica noivo de sua prima Amélia e passa a visitá-la com frequência, Mariana começa a mudar sua postura em relação a Coutinho, em razão da descoberta do noivado. Josefa, irmã de Coutinho, começa a notar sinais claros dessas mudanças, e logo começa a suspeitar que Mariana está namorando. Ao ouvir tal suspeita, debochado, Coutinho diz: “E quem será o namorado da senhora Mariana — perguntei rindo. — O copeiro ou o cocheiro?” (Assis, 1871, n.p).

Avançando ainda mais no conto, notando que Mariana se torna cada dia mais ausente em casa, Coutinho decide confrontá-la para saber quem é o felizardo pelo qual ela se apaixonara. Porém, diante da segura de Mariana para com suas perguntas – e depois da comovente frase “Não se trata de amores, que eu não posso ter amores. Sou uma simples escrava.” – ela o responde dizendo que se arrepende de ter recebido privilégios na casa da família de Coutinho, o que ele logo retruca a chamando de “insolente”, fazendo com que ela se ajoelhe aos seus pés pedindo perdão. Depois de se comover, Coutinho a responde dizendo que ela esqueceu a própria “condição” e o respeito que deve ter pela família. Gonçalves (2012) também aponta a hipocrisia quanto à “liberdade” de Mariana, pois a cada fuga que fazia, alguém logo a buscava de volta, pois, caso ela realmente fosse “livre”, teria total controle de suas ações. Nas palavras do autor:

Percebe-se que Mariana não quer mais viver com as pessoas, o que implica um desejo de mudança e uma insatisfação com sua situação atual. Isso reforça a ideia de que sua liberdade é restrita, pois ela não consegue simplesmente sair e viver sua vida como deseja, pois na visão de todos a moça tinha que permanecer ali apenas por gratidão. (Gonçalves, 2024, p. 28)

Gonçalves também aponta que a crítica Machadiana é atemporal, pois, na visão de Joyce P. Vieira (2022), “Machado apontava, portanto, a necessidade de um autor sempre estar atento

às demandas contemporâneas da sociedade, de percebê-las plenamente.” (Vieira, 2022, apud Gonçalves, 2024, p. 28). Ou seja, Gonçalves (2024) reconhece que Machado criticava essa sociedade que colocava como principal meio de produção o mercado escravagista negro e que se sustentava na hierarquia da supremacia branca, que mantinha e alimentava a escravidão.

Após a descoberta de que o amado de Mariana era Coutinho, ainda completamente indignado de que a “mulatinha” estivesse apaixonado por ele, poucas semanas antes do casamento, Coutinho percebe que Mariana cai doente e se recusa a tomar remédio ou a comer. Definindo, Coutinho pede para que ela viva e em pouco tempo sua “doença do amor”, nomeada assim por Josefa, se cura. Aqui, a vaidade de Coutinho pelo amor impossível de Mariana começa a deixá-lo dependente dele. Em suas palavras:

Confesso, entretanto, que, apesar de não compartilhar de modo nenhum os sentimentos de Mariana, entrei a olhar para ela com outros olhos. A rapariga tornara-se interessante para mim, e qualquer que seja a condição de uma mulher, há sempre dentro de nós um fundo de vaidade que se lisonjeia com a afeição que ela nos vote. Além disto, surgiu em meu espírito uma ideia, que a razão pode condenar, mas que nossos costumes aceitam perfeitamente (Assis, 1871, n.p).

Novamente, a questão da cor e da ordem de poder é um fator determinante para que Coutinho não consiga enxergar Mariana como uma possível pretendente. Ela era livre, desde que tivesse nas mãos da família de Coutinho; poderia amar qualquer um, menos alguém superior a sua “condição”; e, o mais importante, era bonita na visão dele, mas uma atrevida por ter se apaixonado pelo mesmo. Porém, ele se alimentava desse amor proibido de Mariana para suprimir seu próprio ego.

Machado de Assis, de forma brilhante, aponta o que futuramente seria o tão discutido tema da solidão da mulher preta, onde seu amor é recusado e apenas seu corpo é utilizado, para prazer sexual. Gonçalves (2024) cita Winy Fabiano, empresária e educadora, que em uma entrevista para o site “A Gazeta” destaca esta fala: “[...] desde que iniciei minha vida sexual, a pessoa sempre queria ficar comigo escondido. Até que um dia resolvi rejeitar todas as relações desse tipo, aí a solidão foi ainda maior.” (Fabiano, 2020, apud Gonçalves, 2024, p. 29)

No desfecho final, a personagem Mariana, que não por acaso dá nome ao conto, faz ver o verdadeiro sentido de seu suicídio, que não é a impossibilidade de viver o amor com Coutinho, mas pela crueldade imposta pela hierarquia social escravagista e isto constitui a grande

revelação da “sutileza” machadiana”. A morte da escrava Mariana acaba por não representar a vitória do amor romântico, nem poderia, já que Mariana é uma personagem realista, que sabe ler a realidade com seus limites, sua violência, sua brutalidade. Recusa assim, numa ação decisiva, a submeter-se. A personagem agiganta-se com esse gesto, afirmando sua dignidade, na recusa das amarras do favor que a prenderia e submeteria irremediavelmente ao mando e ao poder do proprietário. Sabe que sua luta foi travada até o limite dessa ordem social desumanizadora. A decisão tomada por ela mesma a torna grandiosa. Sua morte não é o fim para o efeito estético e realista: é ela que dá a dimensão da crueldade que se quer escondida pela prática do favor. É ela que exige do leitor uma visão para além da superfície do texto, até que Mariana represente a possibilidade de afirmação da dignidade humana, mesmo nas condições mais adversas, mesmo diante dos personagens vaidosos, egoístas, cruéis, esses sim, objetificados.

Seria o caso de aqui afirmarmos a vitória do regime escravocrata que transformaria o amor impossível da protagonista em coroamento da supremacia branca e da vaidade masculina? Na realidade factual do país essa premissa poderia se confirmar, mas a realidade estética do conto confere, ao contrário, a única personagem verdadeiramente autêntica e profunda, que anuncia a resistência e a luta que já estava presente no tecido histórico da própria realidade exterior ao texto, ainda que não estivesse visível por conta da ideologia da época.

Machado de Assis, ao utilizar a ironia e ao dar voz ao egoísta narrador personagem, transforma esse ato desesperado de Mariana no ponto que demonstra a indiferença da elite, pois quando a tragédia é recontada pelo próprio algoz, Coutinho, ele a converte em apenas uma anedota contada em uma roda de amigos. Logo, o conto *Mariana* estabelece-se como uma crítica ácida que, em vez de enfrentar a escravidão de forma militante e ativa, desvela o mais íntimo de sua existência: o controle da vida e do desejo humano em prol da supremacia branca.

5 ENTRE SÉCULOS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE *MARIANA* E *BECOS DA MEMÓRIA*

Através da leitura de *Mariana*, de Machado de Assis, e de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, revela-se a permanência da desigualdade racial como eixo ainda presente na sociedade brasileira, atravessando o século XIX até alcançar a contemporaneidade. Apesar

de separados por mais de cem anos, os textos dialogam na construção literária da memória coletiva da exclusão, mostrando como o passado escravista permanece presente na atualidade, “oculta” sob uma nova roupagem.

Em *Mariana*, a crítica machadiana emerge pela sutileza. Machado, como descrito amplamente, faz uma denúncia da ideologia paternalista que confinava a mulher negra escravizada no lugar de dependência, passividade e agradecimento, criando para ela um limbo social: não era considerada membro legítimo da família, mas também não ocupava a senzala. Esse espaço intermediário reforçava sua inferioridade e facilitava a exploração afetiva e sexual, sendo Mariana tratada como “filha da casa” apenas enquanto convinha aos seus senhores. Sua tragédia final, relatada com frieza por Coutinho, evidencia a violência simbólica e emocional, que reduz seu sofrimento a mero episódio mundano, contado como anedota entre amigos. Trata-se da vitória do regime escravocrata, que transforma o amor impossível da protagonista em coroamento da supremacia branca e da vaidade masculina.

Já em *Becos da Memória*, Evaristo rompe com esse silenciamento histórico através da “escrivência”, devolvendo às personagens negras, sobretudo às mulheres, a voz que lhes foi negada durante séculos. A dramaticidade presente na obra, expõe a violência cotidiana da favela – conhecida como a “senzala moderna” – como espaço de sobrevivência e resistência. Assim como Mariana é confinada a um lugar de subalternidade, os habitantes da favela de Evaristo são empurrados para margens urbanas desassistidas, onde o Estado aparece apenas como força de destruição, simbolizada pela chegada dos tratores preparados para demolir as casas sem oferecer alternativa para seus moradores.

O paralelismo entre as obras torna-se ainda mais evidente quando se observa a continuidade da desigualdade racial. Se no século XIX a mulher negra vivia entre a servidão e a ilusão de afeto, no século XX ela aparece como trabalhadora, lavadeira, mãe, prostituta, favelada e ainda estruturalmente desprotegida. A exclusão muda de forma, mas não de essência. Mesmo após a abolição, os negros libertos não receberam suporte para a inserção digna na sociedade de classes. O resultado desse abandono estatal ecoa na favela de Evaristo, onde personagens como Bondade, Cidinha-Cidoca e Tio-Totó encarnam os efeitos diretos da marginalização histórica.

A violência que atinge Mariana, emocional, afetiva, simbólica, reaparece agravada em *Becos da Memória*, como violência física, estatal e estrutural. Enquanto Coutinho ridiculariza a dor da escravizada, o Estado ridiculariza a dor da favela ao destruir suas casas sem aviso. A morte de Mariana por amor impossível encontra paralelo na morte dos “homens-vadismeninos”, consumidos pela negligência governamental e pela ausência de perspectivas. Ambos os textos escancaram a desigualdade racial como força motriz dos destinos das personagens negras, ainda que narrada por estratégias literárias diferentes.

Apesar das diferenças estéticas, a sutileza irônica de Machado e a poética de Evaristo revelam o mesmo país: um Brasil que, mesmo transformado, permanece atravessado por raízes escravocratas profundas. Mariana, aparentemente silenciada, grita e expõe a condição dos escravizados frente ao modo de ser da elite predatória do outro, não arredando o pé de sua força humana e social coletiva, necessária para qualquer forma de emancipação, mesmo relativa, que poderia chegar a realiza-se. Junto a Maria-Nova, que escreve para que ninguém seja esquecido, representa os extremos dessa linha histórica. Entre elas, está a trajetória coletiva de um povo marcado por exclusões que se repetem, persistem e se reconfiguram.

Assim, ao traçar a linha comparativa entre *Mariana* e *Becos da Memória*, observa-se não apenas duas obras literárias, mas um espelho temporal da desigualdade racial brasileira. Ambas funcionam como arquivos da memória nacional: Machado revela a engrenagem íntima da escravidão; enquanto Evaristo expõe suas consequências prolongadas. A história oficial tentou apagar as vozes negras, mas a literatura restaura, denuncia e preserva. É nesse movimento que reside o eco que atravessa séculos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise conjunta do conto *Mariana*, de Machado de Assis, e de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, permitiu observar que, apesar da separação temporal de mais de um século entre suas publicações, ambas as obras revelam a persistência estrutural da desigualdade racial no Brasil. Cada narrativa, de sua própria forma, aponta e denuncia experiências de exclusão que se configuram como ecos de um mesmo processo histórico, marcado pela herança escravocrata e pela continuidade de práticas sociais de marginalização.

Em Machado, a crítica se manifesta pela sutileza irônica e pela exposição indireta das engrenagens de poder do século XIX, evidenciadas pela posição em que os personagens do extrato social dominante tentam atribuir a Mariana um caráter ambíguo, desumanizando-a aos olhos do leitor, aquela, tragédia revela, na verdade, o caráter opressor da ideologia paternalista escravista. Já em Evaristo, a denúncia se apresenta por meio da “escrevivência”, que transforma a favela, espaço forjado pela ausência de políticas pós-abolição, em território de memória, dor e resistência, onde a exclusão racial é vivida como cotidiano concreto na contemporaneidade.

Ao estabelecer diálogos entre as duas obras, constata-se que a violência sobre corpos negros apenas muda de forma, mas não de essência: da escrava “agregada”, cuja subjetividade sofre tentativa de anulação, à população favelada, tratada como excedente social, as marcas da escravidão permanecem inscritas nos sujeitos e nos espaços. Assim, Machado revela os mecanismos íntimos da opressão; Evaristo expõe suas consequências prolongadas, evidenciando que a literatura é capaz de atravessar séculos e recuperar o que a história oficial tentou silenciar.

Diante dos fatos mencionados, conclui-se que tanto “*Mariana*” quanto *Becos da Memória* contribuem para a construção da memória histórica da exclusão racial no Brasil, funcionando como testemunhos literários de um país que, embora transformado, ainda carrega profundamente as raízes do escravismo em sua estrutura social. A leitura comparada dessas narrativas evidencia que compreender o passado é fundamental para reconhecer, nomear e combater as desigualdades que ainda moldam o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Mariana**. In: LITERAFRO: O portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2022. Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/11textosdos-autores/797-machado-de-assis-mariana>. Acesso em: 30 nov. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FARIAS, Ariane Avila Neto de. **Espaço e subjetividade**: entrelaçamentos entre sujeitos e favela em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. *Movendo Ideias*, v. 2019, n. 1, p. 2227, 2019.

GONÇALVES, Carmem Lúcia Lobo. **Racismo e escravidão no conto “Mariana”, de Machado de Assis**. 2024. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Tomé-Açu, PA, 2024.

MAHL, Daniela da Silva. **Mariana em dois tempos**: Machado de Assis, a escravidão e a República. 2010. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português e Literatura de Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARINGONI, Gilberto. **História**: o destino dos negros após a Abolição. *Desafios do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, ano 8, ed. 70, 29 dez. 2011. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23. Acesso em: 30 nov. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **“escrivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, ago. 2009.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QSJM5dMTjPTMJhLtwgc/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 nov. 2025.

VIEIRA, Andressa dos Santos. **A mulher negra e as relações de poder em Mariana, de Machado de Assis**. *Revista Crioula*, A experiência étnico-racial nas literaturas de Língua Portuguesa, n. 23, p. 53-63, 1º sem. 2019.